



MEMORABILIA #9

TUDO AO MESMO TEMPO



MEMORABILIA

NOME FEMININO PLURAL

1. CONJUNTO DE COISAS OU ACONTECIMENTOS MEMORÁVEIS.
2. CONJUNTO DE OBJECTOS

ORIGEM ETIMOLÓGICA:

PALAURA LATINA, PLURAL NEUTRO DE MEMORABILIS,
-E, MEMORÁVEL.

"MEMORABILIA" IN DICIONÁRIO PRIBERAM DA
LÍNGUA PORTUGUESA [em linha], 2008-2004



A Mascarenhas-Martins nunca foi uma companhia de teatro. Sim, é verdade que escolhemos ter Companhia no nome, mas a ideia sempre foi a de se criar uma estrutura multifacetada que pudesse trabalhar em várias áreas em simultâneo. Esta opção surgiu dos nossos diferentes interesses e áreas de formação e actuação, mas também de uma intuição de que seria benéfico não existir uma dedicação total a apenas uma vertente.



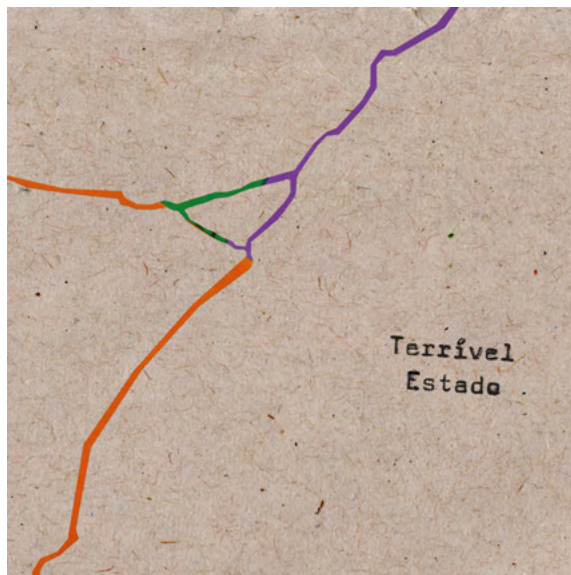
O facto de começarmos a trabalhar sobretudo tendo em vista uma intervenção local, no concelho do Montijo, tornou ainda mais evidente a necessidade de termos uma actividade diversificada, que pudesse de algum modo contribuir para termos uma presença mais regular (numa fase inicial foi difícil até convencer a Câmara Municipal a deixar-nos fazer mais de uma apresentação no Cinema-Teatro Joaquim d'Almeida; o nosso primeiro espectáculo, por exemplo, teve três apresentações públicas e uma para grupos organizados). Ao fazermos concertos, documentários, leituras encenadas, conseguimos chegar a mais pessoas, sobretudo tendo sido possível apresentar o nosso trabalho em diferentes espaços, do Museu Municipal Casa Mora à Galeria Municipal, passando por espaços exteriores, espaços de colectividades, entre outros.

Entre 2016 e 2024, comemorámos o aniversário da Mascarenhas-Martins com programas que incluíram sempre uma conversa e um concerto, em formatos que foram variando de forma bastante significativa. As conversas tiveram, na sua maioria, relação com a importância da cultura a nível local, os motivos pelos quais se fundam companhias, alguns aspectos de debate relacionados com políticas públicas na área da cultura, reflexões e balanços sobre o trabalho realizado e o que se desejava realizar. Os concertos, por sua vez, foram variando a todos os níveis, tendo partido de uma apresentação em duo em que a Maria e eu interpretámos repertório de que gostávamos, até a formações de diferente dimensão que abordaram repertório de música portuguesa de diferentes épocas. A conjugação entre conversas e concertos, que a certa altura incluía também a partilha de um bolo de aniversário e um lanche, tinha como objectivo conciliar momentos dedicados a pensar com programas musicais que fossem agregadores e que pudessem aproximar as pessoas de uma valorização daquilo que se produz em Portugal.



NOS CONCERTOS DE ANIVERSÁRIO DA MASCARENHAS-MARTINS PARTICIPARAM:
ADELINO LOURENÇO, ANDRÉ REIS, ANTÓNIO BRAVO, DIOGO ARRANJA,
DUARTE CRISPIM, FILIPE PEUCH, JOÃO F. GOMES, INÉS MONTEIRO PIRES,
IVO NOGUEIRA, LEVI MARTINS, MARIA MASCARENHAS, NADIA COUTO,
RUBEN JACINTO, RUI MAGARREIRO, SÉRGIO CRESTANA, TIAGO ALVES DE MATOS

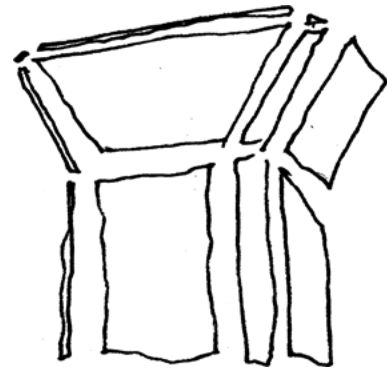
A relação com a música foi sempre muito forte, tendo sido criadas bandas sonoras originais para quase todos os espectáculos de teatro, numa primeira fase pelo André Reis e por mim, mais recentemente numa relação com músicos como o Diogo Arranja e o Sérgio Mendes (juntando-se no último espectáculo o Filipe Peuch). Para além dos concertos e da música para teatro, a certa altura tornou-se possível, devido à paragem a que a pandemia nos obrigou, fazermos um disco com base em composições do André Reis e minhas, e com letras do Miguel Branco. Foi o *Terrível Estado*, gravado e pós-produzido no Lemon Drops pelo André Eusébio. Em 2023, editei também um novo disco a solo intitulado *Songs of Sorrow and Despair* e, no ano seguinte, saiu *O roque nunca vai acabar*, a primeira vez que fiz música para os mais novos. Este projecto já foi apresentado ao vivo na Casa da Música Jorge Peixinho, em diferentes locais do concelho do Montijo para público escolar, assim como no Festival Mochila, em Faro e no Festival Singular, em Castelo Branco. Em 2024, tivemos também oportunidade de estrear um concerto encenado comemorativo dos 50 anos de percurso artístico do nosso querido amigo Luís Madureira, que entretanto também levámos à Sala Mário Viegas do São Luiz, em Lisboa.



No que se refere ao audiovisual, ao longo destes dez anos também fizemos algumas coisas que talvez tenham passado despercebidas, embora continuem disponíveis. Do documentário *Revisitar Montijo*, feito em torno do concerto homónimo da banda da 1.º de Dezembro, até a uma curta documental sobre Joaquim d'Almeida integrada na exposição no Museu Municipal dedicada ao actor montijense, passando por objectos filmados durante a pandemia. Há também muito material filmado que esperamos um dia conseguir montar, nomeadamente em torno do processo de trabalho do espectáculo *Um D. João Português*. O facto de nos dedicarmos a muitas coisas em simultâneo nem sempre nos permite ter disponibilidade para ir mais longe em projectos que tomam muito tempo, como é o caso da montagem de uma longa-metragem documental, que é o que esse projecto merece.



Desde 2017, temos tido uma parceria com o Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa no sentido de co-organizar os encontros *Criar e Produzir*, os quais têm dado origem a publicações, quatro até ao presente. Este projecto, que tem como objectivo promover a reflexão sobre a maneira como se vive, na prática, a relação entre criação e produção, tem-nos permitido ter contacto com artistas e produtores de todo o país, entre os quais:



ÁLVARO CORREIA, ANNE DE AMÉZAGA,
CÁTIA TOMÉ, CARLA RUIZ, CARLOS COSTA,
CÉLIA CAEIRO, FRÉDÉRIC DA CRUZ PIRES,
GISELA CAÑAMERO, GUILHERMO GOMES,
INÊS ARINTO, ISABEL BARROS,
ISABEL CRAVEIRO, IVO SARAIVA E SILVA,
JOÃO DE BRITO, JOÃO P. NUNES,
JORGE SILVA MELO, JOSÉ RUSSO,
LUIS MIGUEL CINTRA, LUNA REBELO,
MARGO PAIVA, MARIA DE JASCONCELOS,
MIGUEL ABREU, MIGUEL JESUS,
MÓNICA ALMEIDA, PATRÍCIA PAIXÃO,
PEDRO ALVES, RICARDO ALVES,
RICARDO NEVES-NEVES,
RICARDO TEIXEIRA,
RUY MALHEIRO, VANDA R. RODRIGUES,
VITOR ALVES BROTAS

Criar e Produzir partiu de uma ideia da Professora Maria João Brilhante, com quem temos tido o privilégio de partilhar este percurso ao longo dos anos. Sempre pensámos que seria importante termos uma vertente ligada à investigação, no sentido de contribuir para que existam mais registos de reflexão interna sobre o sector cultural, sobre a forma como se trabalha em diferentes escalas e contextos. Quando começámos a pensar em fundar a Mascarenhas-Martins, foi muito importante termos acesso a um conjunto de livros e documentos relativos ao passado, actas de encontros, entrevistas a diferentes artistas, por vezes textos publicados por diferentes companhias. Sobretudo no que diz respeito a artes efémeras, é importante existir algum tipo de documentação que nos dê acesso ao pensamento de quem se envolve neste tipo de trabalho. Não só pelo interesse que suscita a quem trabalha no sector e quer aprender, mas também para que haja a possibilidade de quem não trabalha nas artes ter, se assim o entender, uma ideia mais informada sobre o que está em causa – sobretudo na parte do trabalho que é, nas mais das vezes, invisível.



Ao longo dos anos também tentámos ter uma relação com a comunidade escolar, no sentido de proporcionar um contacto mais próximo com as artes performativas. De leituras de cenas em contexto de sala de aula a ensaios abertos, passando pela possibilidade mais recente de programarmos espectáculos e actividades destinados exclusivamente a este tipo de intervenção, temos tentado chegar ao máximo de alunos possível por ano. Não é um trabalho fácil, tendo em conta os desafios enfrentados pelo ensino público e uma lógica de organização pouco permeável a disrupções ou quebras na rotina. Mas é sempre uma experiência reveladora da importância que a criatividade pode ter no quotidiano, em contraponto à pressão que existe para se obter resultados quantitativos em contexto escolar. O crescente investimento que fazemos neste tipo de intervenção deu, aliás, origem a um sector interno na Mascarenhas-Martins a que demos o nome de Acção Pedagógica, que é coordenado pela Maria [Mascarenhas].



Actualmente organizamos a actividade da Mascarenhas-Martins em três sectores:

**criação
ARTÍSTICA** **INTERVENÇÃO
CULTURAL** **AÇÃO
PEDAGÓGICA**

Esta divisão foi a evolução de uma primeira distinção que fazíamos entre Criação Artística e Acção Cultural, a qual reflectia já uma vontade de distinção conceptual entre o que considerámos que partia de um desejo de expressão de determinada pessoa e o que era feito tendo em vista uma necessidade externa (por exemplo: os espectáculos que fizemos que partiam de encomendas integravam-se na Acção Cultural e não na Criação Artística, porque nos parece existir uma diferença de natureza quando a origem da proposta é exterior).

A existência destes três sectores na Mascarenhas-Martins é uma tentativa de ter uma abordagem holística, tornando possível um conjunto de intersecções que, embora tornem o trabalho mais pesado e exigente, acreditamos que conduzem a resultados mais interessantes do que se nos dedicássemos exclusivamente a uma das vertentes. Por exemplo: a programação cultural regular coloca-nos em contacto com diferentes formas de fazer, as quais não tenho dúvidas que acabam por influenciar as nossas criações; de forma inversa, o facto de criarmos ajuda-nos a compreender quais as condições que devem existir para acolher espectáculos de outros artistas. A preocupação em aproximar as pessoas da actividade artística surge, por sua vez, de uma responsabilização que acreditamos que devemos ter enquanto agentes culturais que desenvolvem o seu trabalho num país com baixo índice de relação com a cultura.

A conjugação de diferentes tipos de intervenção na mesma estrutura não é exclusiva da Mascarenhas-Martins, mas não tenho dúvidas de que é uma das características identitárias da nossa companhia. Embora seja frequente existirem referências à Mascarenhas-Martins como se fosse uma companhia de teatro, a realidade é que não o é, nunca o foi e, enquanto existir sob a nossa direcção (da Maria e minha), nunca o será.





A partir do arquivo da Mascarenhas-Martins

Texto Levi Martins

Design gráfico e paginação António Santiago

Com fotografias de António Santiago, Levi Martins e Luana Santos

Uma publicação Mascarenhas-Martins

Novembro 2025

A Companhia Mascarenhas-Martins é uma entidade financiada por:

